

In Pedro Paixão: Vida de adulta

### A preferida

Dói muito. Se escrevo é só para me livrar disto de vez. A literatura, palavra feia, tem a vantagem de me desfazer de mim. E chega.

Eu vivia numa casa regularmente invadida por grupos de pessoas, a maior parte das quais não conhecia antes nem fiquei a conhecer depois. A porta ficava aberta todas as noites e entrava quem quisesse. Era agosto; eu estava triste e precisava de companhia.

Uma noite, que não sei como ainda chega até aqui, entraram na sala duas raparigas que depressa me fascinaram, porque cada uma delas me parecia mais bela do que a outra. Deixei-me apaixonar pelas duas, já que nem era obrigado nem saberia escolher, se bem que soubesse que devia haver, porque sempre há, uma preferida. Falavam, dançavam, riam e bebiam sempre juntas e eu só tinha de ter o cuidado de não quebrar aquele encanto. Passaram a vir todas as noites.

O champanhé, que um meu amigo me oferecera em paga por um parecer jurídico, pode ser o responsável, já que os pormenores do desejo não ficam registados, de ter entrado num quarto com uma das raparigas, a qual desde então passou a viver comigo e que eu amei. Da vida pouco se sabe, e é justo assim, porque não me arrependi.

Durante alguns anos fui mais feliz do que é sensato esperar e não me lembrava da outra rapariga, que deixou de aparecer, senão quando, por acaso, a encontrava. Então ficava tão encantado que tinha a certeza que o dia chegaria em que só com ela poderia continuar a viver.

Era a certeza de sermos feitos um para o outro, que logo depois se esvanecia.

Quando voltei a estar só, e digo-o assim porque nunca sei quem deixa o outro mas só que um mundo nos escapou, refugiei-me num hotel de província. Foi aí, algumas semanas mais tarde e de repente, que um sentido da vida me voltou. A preferida, porque tinha de haver uma preferida, sempre fora a outra rapariga. Tinha urgência em estar com ela, apesar de saber que não haveria maneira de lho explicar. Um comum amigo deu-me o seu novo número de telefone.

Foi ela quem atendeu com a sua voz que ninguém pode esquecer. Ela conhecia o lugar onde me encontrava e falámos evitando embaraços e silêncios. Antes de desligarmos tive a coragem de lhe dizer que gostaria de a ver e foi *ela* que me disse com a sua própria voz que podíamos almoçar juntos logo que eu voltasse, o que me fez chegar, por alguns momentos, uma alegria de que me julgava, uma vez mais, incapaz.

Quando regresssei à cidade continuava triste e não lhe telefonei. A tristeza é só nossa e para se merecer alguém é preciso merecermo-nos primeiro a nós próprios, julgo eu. Chega porém o dia em que não nos aguentando pegamos no telefone.

Era uma tarde de domingo e estava confiante que não a encontraria em casa, e mesmo se estivesse não era dia nem hora para combinar o que quer que fosse. Com esta desculpa que me dei, telefonei-lhe. Foi a voz dela que eu ouvi. Não estava preparado e não me lembro do que falámos mas sei que foi *ela* que me disse que se eu quisesse nos poderíamos ver naquela mesma noite, depois de um jantar de trabalho que ela tinha, num restaurante que *ela* me disse qual era e onde eu a poderia ir buscar.

Não foi por vaidade, porque conheço detalhadamente a minha miséria, mas devo ter experimentado vários

casacos, calças e gravatas e fiz a barba com tanto cuidado que me cortei em vários sítios da cara enquanto velozmente imaginava tudo o que nos poderia acontecer. Mas, como se sabe, o que acontece é sempre a única coisa que ficou por pensar.

Quando entrei no restaurante, julgando chegar a tempo para uma sobremesa, ainda protegido pela presença dos outros, ela e as duas pessoas com quem tinha o jantar de trabalho ainda não se tinham sequer sentado à mesa. Pior, o restaurante estava cheio e a mesa que lhes fora destinada não tinha lugar para uma quarta pessoa, encostada à parede como eu.

Foi *ela* que me salvou daquela incómoda situação sugerindo que a esperasse num café vizinho, que disse ser sossegado. Foi o que fiz, acaparando de imediato à entrada todos os jornais disponíveis, que li sofregamente sem qualquer interesse para, como se diz sem saber o que se diz, matar o tempo. Mas o tempo estava lá, pesado e indiferente, e rolava tão lentamente sobre a minha cabeça que cedo me começou a doer.

A certa altura, e já tinha passado mais de uma hora e meia, obsessivamente controlava o meu relógio e o dos outros, a dor começou a crescer o que, primeiro, me impedia de perceber o que lia e, depois, de reconhecer as palavras. Assaltava-me, e eu cada vez mais fraco, a ideia de que ela teria preferido não me ver ou, pior ainda, se tinha esquecido simplesmente de mim.

Era meia-noite e meia quando me levantei, paguei a conta ao balcão e me dirigi para o restaurante. Então ainda me sentia capaz de aceitar a verdade por mais horrível que fosse, indo depois muito depressa para casa, onde tomaria alguns comprimidos que, de qualquer modo, me fariam dormir.

Ela estava lá, e os outros também. Acabavam de tomar o café. Pediu-me desculpa pela demora e depois pediu a

conta que demorou horas a chegar. Fiquei de pé, havendo já lugar onde me sentar, com uma vertigem que me impedia de falar. Quando consegui olhar para ela notei que estava cansada. Foi este o pretexto, depois de ela se ter levantado, despedido e começado a andar ao meu lado em direcção ao meu carro, que invoquei para lhe dizer que não era preciso falarmos, que podíamos muito bem ficar calados.

As pessoas começam a falar porque não aguentam o silêncio. Mas eu precisava dele e quando ela começava a dizer qualquer coisa eu repetia-lhe, baixinho, que não era preciso falar. No carro pus música, o que me ajudou, e arranquei sem qualquer ideia de um trajecto. Alguns quilómetros depois parei o carro, desliguei a música e ouvi-me dizer:

— Está muito cansada. O mais sensato é irmos para um quarto de hotel e dormirmos. Eu conheço um bom hotel aqui perto.

Parecia lógico mas foi com espanto que ouvi a voz dela dizer:

— Vamos.

Arranquei em direcção ao hotel e quando parei o carro perto da entrada ouvi soluços. Quando me virei para o lado vi-a a chorar. Disse-lhe:

— Sou um estúpido. Peço desculpa. O que é que se pode fazer num quarto de hotel? Vamos antes apanhar ar.

Fomos para uma esplanada com vista sobre a cidade e não parámos nunca mais de falar. Tínhamos tanta pressa em contar tudo um ao outro que aconteceu por várias vezes falarmos ao mesmo tempo e rimo-nos disso. Vinham-nos coisas à cabeça que tínhamos para sempre esquecido. Não deixávamos de nos olhar nos olhos. Estávamos apaixonados, tinha a certeza, e tenho a certeza que ela também teve essa certeza.

Depois de a levar ao seu carro, segui-a no meu até à porta da sua casa, onde ela voltou a entrar para conti-

nuarmos a falar sem parar, agarrados pelos olhos e agora também pelas mãos. Já era tarde. Perguntei-lhe quando é que nos poderíamos voltar a ver, e *ela* disse-me que tinha muito trabalho no princípio da semana mas que poderia nos jantar na quinta-feira, para eu lhe telefonar.

Era preciso aguentar uns dias mas eu nunca mereci facilidades e sabia como ocupar aqueles da melhor maneira: com ela.

Segunda, terça e quarta-feira mandei-lhe flores, sempre as mesmas, sempre as minhas preferidas, vários telegramas, de que gosto por causa do ritmo imposto e pela urgência, poemas que mandava entregar por um serviço de mensageiros e um livro de fotografias que curiosamente juntava as amantes dos grandes fotógrafos, fotografadas pelos próprios.

Nesses três dias não me lembro de ter pegado no telefone.

Quinta-feira acordei feliz e passei o dia feliz. Às seis da tarde em ponto marquei o número, escrito em várias folhas, não fosse perder-se. Atendeu-me uma voz masculina que me disse que ela não estava em casa. Às sete li-guei de novo. Atendeu-me uma outra voz masculina que me disse que ela não estava. Às oito a mesma voz disse-me o mesmo. Às nove e depois às dez repetiu-se o que eu já sabia. A minha ansiedade crescia enquanto a impaciência da voz que me respondia a tornava mecânica aos meus ouvidos. Procurei acalmar-me como podia justificando a ausência com um qualquer motivo imprevisto e, quando já não podia, com a ajuda eficaz de ansiolíticos. Acabei por adormecer.

Sexta-feira acordei feliz. Claro que ia estar com ela. Claro que a qualquer altura ela me ia telefonar para me pedir desculpa do sucedido e eu lhe diria que não pedisse desculpa de nada, que eu é que tinha de lhe pedir desculpa por ser assim impaciente.

Não saí de casa e quando tomei duche tive o cuidado de pôr o auscultador fora do descanso. Mas o telefone nunca tocou ou se tocou não era ela e eu nem ouvi quem era nem o que me diziam e desligava depressa porque estava à espera de uma chamada muito importante.

Às seis horas telefonei-lhe. Uma das duas vezes masculinas, que confundia, disse-me que ela não estava em casa. Às sete, às oito, às nove e às dez fiz o mesmo e a resposta, qualquer que fosse a voz mas nunca a dela, era a mesma. Enlouquecia. Não conseguia encontrar qualquer justificação por mais que procurasse, e eu procurava, que não fosse o ela desejar que eu enlouquecesse. Eu não acreditava e, de hora em hora, tomava um ansiolítico. Também acabei por adormecer.

Sábado acordei a sofrer. Um sofrimento muito antigo, igual ao que pela primeira vez senti quando a minha mãe me deixou em casa dos meus avós e me menti ao dizer-me que ia ficar comigo e no outro dia, quando acordei, me disseram que ela tinha partido. Por isso a única coisa que eu teria de perdoar à minha mãe nunca perdoei.

Mas se ela telefonasse eu perdoá-la-ia. Eu precisava que ela me telefonasse, nem que fosse por misericórdia, para me dizer que desaparecesse. Dir-lhe-ia que tinha razão, que não a merecia, que era melhor para ela, já que para mim agora tanto fazia. Mas ela nunca telefonou. Passei horas sentado na mesa a olhar para o telefone e a escrever coisas que iam perdendo o sentido. Eu já não sabia nada.

Não sei se dormi. Sei que estava doente, que tinha dores no estômago e nos dentes. Sei que não estava nada bem e que não havia ninguém para me ajudar porque nem procurava lembrar-me de mais alguém.

Sem esperança alguma, ao princípio da tarde de sábado telefonei. Ouvi uma das vozes dizer que ela estava a dormir. Desliguei, peguei no carro e fui.

Subi a correr quatro lanços de escadas, toquei à campainha, e por detrás da porta apareceu um rapaz bonito que me falou com uma voz familiar. Apresentei-me e pedi para entrar. Atenciosamente levou-me para uma sala com flores, disse-me para me sentar e perguntou-me o que queria beber. Sentou-se ao meu lado, depois de me ter ido buscar um copo de água, e disse baixinho:

— Ela gosta muito de vocês.

Não percebi. Pensei que fosse um erro de gramática e pedi-lhe para repetir. Ele repetiu e eu compreendi.

— A situação é delicada. O namorado chegou hoje de Amsterdão e estão os dois a dormir. Não sei se a devo ir acordar para lhe dizer que está aqui. Pego desculpa.

○ que é que acha?

Levantei-me, graças a uma inesperada vontade, e disse que eu é que lhe pedia desculpa, que não sabia, que lhe pedia simplesmente, se ele me fizesse esse favor, que lhe dissesse que eu pedia desculpa e que não voltaria a telefonar ou a mandar o que quer que fosse, que tinha muito respeito.

Não me lembro dos dias que se seguiram. Sei só que não fiz disparates. Eu mereço o pior e não lhe devo fugir.

○ verão chegava ao fim, os meus amigos voltavam de férias e eu estava triste mas já não estava sozinho. Não lhes contei o que acontecera porque não saberia como sem que me vissem chorar, e eu sou um forte. Não lhe voltei a telefonar ou a mandar o que quer que fosse porque nem sequer deixei que tal me ocorresse.

Passaram oito dias quando recebi uma carta. Era uma carta dela, da minha preferida, a carta mais horrível que alguma vez li. Dizia para eu não lhe telefonar mais, para, parar de lhe mandar telegramas, poemas, livros, e que não gostava de flores. Dizia ainda que amava *alguém*. Foi a única carta que rasguei.

Nunca mais nos falámos. Cumprimos-nos à distância quando por acaso nos encontramos num restaurante ou num bar. Se penso nela é só para me repetir que ela continua a merecer o meu amor e que o que aconteceu só aconteceu por minha culpa, por não reparar, como devia ter reparado, que havia sempre *alguém* ao seu lado que eu não via, o que é perdoável, fascinado como ficava pelos olhos dela, tal como uma lebre parada no meio da estrada encandeada pelos faróis do carro em que vai embater para se ferir.

Três cartas anexas

Minha querida desaparecida,

apesar de estar tão zangado consigo não resisto a esquecer-lhe.

Ontem, como sabe, foi quinta-feira e durante todo o dia esperei ouvir a sua voz porque precisava mesmo de ouvir a sua voz (não é de falar consigo, é de ouvir a sua voz) e eu telefonei de hora em hora para o número que *você* me deu e nunca era a sua voz, mas antes vozes diferentes cada vez mais impacientes com os meus telefonemas e tive de desistir.

Mas do que eu não posso desistir é de si. Se quiser eu digo-lhe porquê. Se não quiser eu não lhe digo nada. Se quiser eu fico calado mais três anos.

Mas quero que saiba que acordo todos os dias a pensar em si, melhor e mais exactamente a olhar para si, e adormeço todas as noites a pensar em si, melhor a olhar fixamente para si, e por mais que me tente distrair e fazer outras coisas — mas eu não quero distrair-me e fazer outras coisas — volto a pensar irremediavelmente em si. Disto não tenho culpa porque não há nada que possa fazer senão pedir-lhe desculpa de ser assim.

Mas não lhe peço desculpa nenhuma. Você é que me devia pedir desculpa de me tornar tão doce o mundo quando ouço a sua voz, que eu não quero outra coisa senão ouvir a sua voz.

Fique, minha querida, com o que quiser de mim.

\*

Minha querida desaparecida,

porque é que me deixa assim sem saber de si? Mesmo sem eu merecer acha que eu mereço mesmo que você me continue a tratar assim? Porque é que me deixa ficar assim à espera, causando em mim a dor maior, que é a de me forçar a deixar de esperar por si, para logo a seguir ter urgentemente de voltar a esperar por si? Será só para que eu sinta essa dor? Ou será para que eu desespero mesmo? Má.

Mas o que é que aconteceu para ter de ser assim? Será para eu voltar mais uma vez, sempre mais uma vez, a pensar no que aconteceu e no que não aconteceu e não a encontrar senão a si? Como é que tem a certeza de que eu mereço isto? Vá lá, diga-me pelo menos isso. Como é que pode adivinhar que eu preciso tanto de si, se eu próprio nunca sei quanto? Será que o que me faz deixando-me assim o faz só por descuido? Não acredito. Má.

Pois fique a saber que eu não desespero assim tão facilmente e não tenho a absoluta certeza de merecer isto que me faz e pode continuar assim que eu nem sequer me importo. Continue a fazer-me o que quiser que eu não me importo. Tudo é melhor do que não me fazer nada e você faz-me até demais. Má.

Continue lá.

\*

Minha querida desaparecida,

não sabia que ia doer tanto assim e claro que são só coisas dentro da minha cabeça mas são sempre coisas dentro da nossa cabeça não é e você entrou dentro da minha cabeça e se disser que é fácil entrar dentro da minha cabeça eu zango-me ainda mais do que já estou porque não é só na cabeça é no corpo todo e não é só no corpo todo é no meu pequeno mundo todo que você entrou ou eu quis que você entrasse e agora não há maneira de se ir embora nem que não seja porque a última coisa que eu quero é que saia de dentro de mim pelo contrário eu quero que você continue dentro de mim e faça o que bem entender comigo e fique todo o tempo que quiser e mais um bocadinho sempre mais um bocadinho que é o tempo que eu quero que você fique dentro de mim e é escusado vir dizer-me para eu ser sensato porque isso ainda me faria ficar mais zangado porque primeiro você nem isso me diz não me diz absolutamente nada e depois porque eu sou sensato.

Vida em família

Marta em casa da mãe põe-se a pensar na sua vida mais recente encostada a duas almofadas da sala quase adormecendo.

O pai está no escritório, fumando cigarro após cigarro, à espera de um telefonema que não chega.

A mãe queimou-se ao entornar uma panela com doce de framboesa mas não gritou. O doce caiu no chão e ali se espalhou transformando a cozinha na cena de um crime.

O irmão mais novo brinca com o cão no jardim ou tora cuidado e ainda belo.

É verão e na piscina a água corre sem parar e continua vazia.